

Amarante, Carolina do (2025). Artista plástica venezuelana em Florianópolis: trajetórias de migrações e trabalho feminino no Tempo Presente (2015-2021). *PÉRIPOS. Revista de Investigación en Migraciones*, 9(1), pp. 123-154.

Artista plástica venezuelana em Florianópolis: trajetórias de migrações e trabalho feminino no Tempo Presente (2015-2021)

Artista plástica venezolana en Florianópolis: trayectorias de migraciones y trabajo de la mujer en el Tiempo Presente (2015-2021)

Venezuelan plastic artist in Florianópolis: migration trajectories and women's work in the Present Time (2015-2021)

Carolina do Amarante

Doutoranda em História, no Programa de Pós Graduação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH da UDESC). Florianópolis/SC/Brasil. E-mail: carolina.amarante@gmail.com. Currículo Lattes/Red académica: <http://lattes.cnpq.br/2116980863209366>

RESUMO

Este artigo investiga as trajetórias de migração e trabalho de uma artista plástica venezuelana em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Fundamentado na metodologia da História Oral, analisa deslocamentos diante da crise socioeconômica e política na Venezuela, agravada por sanções econômicas. Entre 2015 e 2021, Florianópolis tornou-se destino para migrantes buscando melhores condições de vida. Examina vivências da artista enquanto migrante, com enfoque na perspectiva de gênero e na resignificação de sua identidade cultural e profissional. A pesquisa contribui ao debate sobre desigualdades nas experiências migratórias femininas sob abordagem interseccional e descolonial, aprofundando-se na migração venezuelana por meio de buscas etnográficas centradas em narrativas dos sujeitos. Busca-se compreender como o deslocamento transforma dinâmicas sociais, culturais e espaciais nas sociedades de acolhimento no Sul do Brasil, considerando a relação entre local e global.

Palavras-chave: Migração internacional. Artista plástica venezuelana. Trabalho feminino. Florianópolis. Gênero.

RESÚMEN

Este artículo investiga las trayectorias de migración y trabajo de una artista plástica venezolana en Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Fundamentado en la metodología de la Historia Oral, analiza desplazamientos frente a la crisis socioeconómica y política en Venezuela, agravada por sanciones económicas. Entre 2015 y 2021, Florianópolis se consolidó como destino para migrantes en busca de mejores condiciones de vida. Examina las vivencias de la artista como migrante, enfocándose en la perspectiva de género y la re-significación de su identidad cultural y profesional. La investigación contribuye al debate sobre desigualdades en experiencias migratorias femeninas con un enfoque interseccional y decolonial, profundizando en la migración venezolana a través de búsquedas etnográficas centradas en las narrativas de los sujetos. Se busca entender cómo el desplazamiento transforma dinámicas sociales, culturales y espaciales en sociedades de acogida en el Sur de Brasil, considerando la relación entre lo local y lo global.

Palabras clave: Migración internacional. Artista plástica venezolana. Trabajo femenino. Florianópolis. Género.

ABSTRACT

This article investigates the migration and work trajectories of a Venezuelan visual artist in Florianópolis, Santa Catarina, Brazil. Grounded in the methodology of Oral History, it analyzes displacements driven by the socioeconomic and political crisis in Venezuela, exacerbated by economic sanctions. Between 2015 and 2021, Florianópolis became a destination for migrants seeking better living conditions. It examines the artist's experiences as a migrant, focusing on the perspective of gender and the redefinition of her cultural and professional identity. The research contributes to the debate on inequalities in female migratory experiences through an intersectional and decolonial approach, further exploring Venezuelan migration through ethnographic inquiries centered on subjects' narratives. The study seeks to understand how displacement transforms social, cultural, and spatial dynamics in host societies in southern Brazil, considering the relationship between the local and the global.

Keywords: International migration. Venezuelan artist. Women's work. Florianópolis. Gender.

INTRODUÇÃO

Este artigo explora as trajetórias migratórias e o trabalho de uma artista plástica venezuelana radicada em Florianópolis, analisando como o deslocamento impacta sua inserção social, cultural e econômica na cidade. O fluxo migratório venezuelano para o Brasil entre 2015 e 2021 reflete a intensificação da crise socioeconômica e política na Venezuela, que levou muitos a buscarem melhores condições de vida.

Com base em metodologias da História Oral e estudos etnográficos, aproximadamente vinte entrevistas com migrantes venezuelanos residentes em Florianópolis foram realizadas. A ONG Círculos de Hospitalidade facilitou o contato com os participantes. A História Oral permite transformar histórias de vida em objeto de análise, ampliando a compreensão sobre experiências migratórias. Segundo Alberti (2008), essa abordagem revela "modos de vida e experiências de diferentes grupos sociais", compondo "histórias dentro da história".

A metodologia desta pesquisa baseia-se na História Oral, possibilitando uma análise aprofundada das trajetórias migratórias por meio de experiências individuais. O foco na vivência de uma única artista plástica venezuelana, como estudo de caso, permite explorar de forma mais detalhada a interseção entre identidade cultural, atuação profissional e deslocamento. Essa abordagem evidencia como a migração influencia subjetividades e processos sociais, destacando as complexas relações entre o local e o global. Além de ressaltar a singularidade da narrativa, a metodologia contribui para compreender as dinâmicas migratórias contemporâneas ao conectar relatos individuais a contextos coletivos. A articulação entre o caso específico e uma análise mais abrangente permite revelar os desafios e as potencialidades da migração sob perspectivas interseccionais e descoloniais (Dornelas e Ribeiro, 2018).

O recorte temporal entre 2015 e 2021 permite analisar os fatores que posicionaram Florianópolis como um destino estratégico, especialmente para mulheres, ao investigar como suas identidades culturais e profissionais são ressignificadas nesse contexto. Sob a perspectiva da História do Tempo Presente, conforme delineada por Reinhart Koselleck (2014), a pesquisa explora as conexões entre passado, presente e futuro, destacando como os processos migratórios influenciam e são influenciados pelas sociedades que acolhem esses fluxos.

O enfoque de gênero investiga desafios enfrentados e estratégias de ressignificação identitária das mulheres migrantes. A formação de redes transnacionais sustenta os fluxos migratórios e apoia os migrantes venezuelanos, consolidando vínculos com o país de origem, conforme Assis, Padilla e França (2020). Em Florianópolis, muitos migrantes ajustam suas identidades originais às novas realidades. A trajetória de Sara, artista plástica venezuelana, exemplifica como redes transnacionais e dinâmicas locais influenciam a reconstrução migrante, desafiando narrativas tradicionais e evidenciando a complexidade das dinâmicas migratórias contemporâneas.

VENEZUELANOS EM TRÂNSITO NO BRASIL: MIGRAÇÕES E MOBILIDADES FRONTEIRIÇAS SUL-SUL NO SÉCULO XXI

A partir de 2015, observa-se um aumento significativo no número de imigrantes venezuelanos no Brasil. Inicialmente, esse fluxo se concentrou na região fronteiriça de Pacaraima (Roraima), expandindo-se posteriormente para Boa Vista, Manaus e, mais recentemente, para outras regiões do país. Esse movimento migratório tem sido discutido por autores que analisam sua instrumentalização como parte de uma estratégia de desestabilização do governo chavista, inserida no contexto das disputas pela hegemonia do poder estadunidense na América do Sul (Negreiros, 2022).

Cabe reconhecer que passada mais de uma década após o fim da Guerra Fria, o projeto imperial norte-americano não foi capaz de garantir a paz mundial, a democracia, o progresso material e muito menos a estabilidade política dentro do sistema internacional. Pode-se dizer que a aventura imperial norte-americana, através de normas monetárias e financeiras, regras mercantis e concorrenciais, bases e expedições militares não tem envolvido compromissos com as sociedades aliadas ou submetidas, sendo incapaz de criar um governo mundial garantidor de paz e do desenvolvimento econômico – como imaginou a ideologia globalista (Santos, 2006, p. 62).

Ao analisar o caso da Venezuela, é possível identificar a relevância da relação com os Estados Unidos na consolidação do modelo político puntofijista¹² ao longo do século XX, especialmente durante a Guerra Fria, período em que o país mantinha um alinhamento próximo aos norte-americanos. Esse alinhamento reflete o contexto do sistema

¹² O Pacto de Punto Fijo foi um acordo de governabilidade assinado em 1958, o qual o sistema político venezuelano teve como fundamento a construção de uma aliança entre as elites que buscou evitar os conflitos, controlar as demandas populares, atender a estas últimas por meio de canais limitados e exercer um controle oligárquico das organizações e canais estabelecidos. (Saraiva e Ruiz, 2009, p. 150)

internacional da época, marcado pela influência dos Estados Unidos em toda a América Latina até meados do século XX, dentro da lógica de disseminação do modelo de Estado neoliberal. O rompimento gradual desse padrão de relacionamento culminou em um antagonismo frente à potência hegemônica (Negreiros, 2022).

A vitória nas eleições de 1998, que levou ao poder um ex-oficial com ideais bolivarianos e nacionalistas, rapidamente atraiu a atenção dos Estados Unidos para a Venezuela, país detentor de expressivas reservas de petróleo. A chamada Revolução Bolivariana, como definida pelo governo de Hugo Chávez, buscava implementar internamente um modelo democrático participativo fundamentado na mobilização popular, em contraste com o paradigma de democracia liberal de mercado promovido pelos EUA. No cenário externo, o governo Chávez adotou uma diplomacia petroleira independente, caracterizada pela oposição às diretrizes norte-americanas e pela promoção da integração regional no continente. Essa postura, contudo, não foi bem recebida pelo governo dos Estados Unidos (Santos, 2007).

Na década de 1990, a América Latina foi marcada pela predominância da direita e pelo alinhamento com políticas neoliberais, sendo a Venezuela um exemplo desse padrão de inserção dependente no sistema global, especialmente por seu vínculo próximo aos Estados Unidos. A crise atual na Venezuela reflete as contradições desse modelo, incluindo o rompimento gradual das relações de subserviência aos Estados Unidos, que contribuiu para o fenômeno migratório forçado de venezuelanos. Esse processo foi intensificado pelas conexões históricas entre as classes dominantes da Venezuela e dos Estados Unidos. Durante grande parte do governo Chávez, particularmente entre 2002 e 2009, a política externa venezuelana se posicionou de forma contrária aos interesses norte-americanos, embora o país tenha buscado manter uma postura comercial neutra por meio de sua diplomacia baseada no petróleo (Negreiros, 2022).

Durante o governo de Nicolás Maduro, as relações internacionais da Venezuela tornaram-se mais conflituosas com as forças hegemônicas. Esse cenário foi intensificado pela crise internacional nos preços do petróleo e pelo aumento de medidas unilaterais dos Estados Unidos após 2015, como embargos comerciais, sanções financeiras e isolamento estratégico. Essas tensões externas tiveram reflexos internos, agravando as dificuldades sociais e econômicas no país e fortalecendo a oposição doméstica, que conta com o apoio da potência hegemônica. Esses fatores são essenciais para compreender o atual contexto migratório na América Latina (Negreiros, 2022).

Nesse contexto, desde 2015, o Brasil tem recebido um número crescente de venezuelanos em decorrência da crise na Venezuela, caracterizada pela escassez de produtos básicos e pelo aumento da violência. Esses fatores têm intensificado os movimentos transfronteiriços, configurando a migração venezuelana como uma forma de migração forçada, resultante de crises sociais e econômicas. Esses fluxos Sul-Sul evidenciam dinâmicas de mobilidade associadas ao capitalismo global, onde os países periféricos desempenham um papel central (Baeninger e Silva, 2021), embora o fluxo migratório venezuelano para o Brasil tenha se tornado mais expressivo e visível a partir de 2016 (Baeninger, 2018, p. 137). Pois,

O caso da recente imigração venezuelana para o Brasil, no decorrer dos últimos anos, se insere em três movimentos importantes no âmbito das migrações internacionais contemporâneas: as migrações Sul-Sul, as migrações transnacionais de refúgio e as migrações transnacionais fronteiriças (Baeninger, 2018, p. 135).

As recentes migrações de venezuelanos para o Brasil devem ser compreendidas dentro do contexto das migrações Sul-Sul. Para entender melhor esse fenômeno, é importante considerar a perspectiva dessas migrações. O Brasil se destaca como um destino viável, especialmente devido à formalização do processo migratório (Baeninger, 2018).

No momento seguinte, pós-2016, os “fatores de estagnação” com o acirramento da crise econômica no país de origem conduziram a chegada pela fronteira de populações de classe média, num primeiro momento, e, mais recentemente, de uma população venezuelana empobrecida. Nesse contexto, é que a migração transnacional de refúgio da Venezuela se acentua, no Brasil, com os pedidos de solicitação de reconhecimento de refúgio na fronteira com Roraima (Baeninger, 2018, p. 137).

Diante desse contexto, é possível destacar alguns aspectos que caracterizam a migração venezuelana no Brasil, dentro da dinâmica das migrações Sul-Sul. Primeiramente, é importante ressaltar que o fluxo migratório venezuelano é, em sua maioria, regional. Em segundo lugar, as causas da emigração são fortemente impactadas pela situação social no país de origem. Além das classificações como migrações forçadas, de sobrevivência e de crise, é fundamental considerar que se trata de fluxos mistos, em que a perspectiva econômica também desempenha um papel relevante, o que se reflete nas categorias jurídicas que fundamentam a autorização de entrada e permanência nos países de destino. Por fim, a decisão sobre a permanência é determinada por mecanismos de regularização ou concessão de residência no Brasil (Baeninger e Silva, 2021).

Um ponto adicional importante é que as respostas a essa mobilidade na região são frequentemente influenciadas por países do Norte Global. Esses países investem recursos e têm interesses em impedir a chegada dessas pessoas aos seus territórios. O Brasil, por sua vez, tornou-se um dos destinos para essas pessoas no Sul Global. A maior parte dos recursos destinados a essa mobilidade é aplicada em ações específicas, em um processo que, com algumas exceções, pode ser interpretado como uma maneira de externalizar as fronteiras do Norte para o Sul Global (Baeninger e Silva, 2021).

Assim,

No segundo semestre de 2016, as crises econômicas e políticas se aprofundaram na Venezuela e, com elas, a deterioração das condições de vida da população. A violência e os protestos populares se acirraram, e se aceleraram as tendências autoritárias do governo do presidente Nicolás Maduro. Não contamos com cifras oficiais atualizadas para analisar o estado atual da economia venezuelana. Ao que parece, o governo optou por não divulgar estatísticas que permitiriam constatar a profundidade da crise vivida pelo país, sobretudo as informações elaboradas pelo Instituto Nacional de Estadísticas, o Banco Central da Venezuela e o Ministério da Fazenda. Os cálculos que foram divulgados por analistas econômicos, centros acadêmicos, associações empresariais e instituições internacionais variam muito entre si (Lander, 2018, p. 233).

Essa situação evidencia a violação dos direitos sociais e econômicos dos venezuelanos, resultado principalmente da falta de investimento no setor petrolífero, que é a principal atividade econômica da Venezuela, além das sanções econômicas que afetam toda a população. Assim, observamos a ineficácia dos direitos humanos na Venezuela, com o Brasil se apresentando como um país de acolhida para essas migrações forçadas. De maneira geral, um migrante forçado é aquele que é compelido a deixar seu país devido a diversas razões.

Assim,

A terminologia *migração forçada*, em muitos casos, é adotada para diferenciar os “migrantes forçados” dos “refugiados”. No primeiro caso, as causas migratórias são amplas; no segundo, ocorrem em razão de perseguições e para fazer referência a indivíduos que buscam ingressar em um Estado utilizando procedimentos de asilo com fé. Contudo, o Alto Comissariado das Nações Unidas (Acnur) adota uma visão mais abrangente de migração forçada. Ela inclui várias categorias, como os solicitantes de refúgio e asilo, os refugiados humanitários, os refugiados econômicos, os exilados, os transferidos, os deslocados internos e as vítimas de tráfico de pessoas (Acnur, 2015 *apud* Culpi, 2019, p. 26).

Devido à instabilidade política, econômica e institucional que assola a Venezuela, Florianópolis tem emergido como um destino crescente para migrantes e refugiados venezuelanos em busca de melhores condições de vida e oportunidades de trabalho (Negreiros, 2022).

Ao considerarmos as condições enfrentadas por venezuelanos ao se dirigirem para a cidade de Florianópolis, como um local de acolhimento para essas pessoas, podemos entender esse movimento como uma migração forçada. Migração forçada refere-se ao fato de que esses indivíduos deixaram a Venezuela devido a fatores externos, como coações que ameaçam a vida, associadas a ações humanas, ou seja, causas alheias à vontade dos indivíduos (Culpi, 2019). Assim, a teoria sugere que as dificuldades econômicas sob o governo chavista, como grandes desabastecimentos de produtos essenciais, incluindo medicamentos e energia elétrica em todo o país, acabam por impulsionar as migrações forçadas de venezuelanos para outros países (Zizek, 2023).

Em vista disso, é perceptível que as ações do governo do presidente Maduro indicam que sua principal prioridade é manter-se no poder, acima de qualquer outro objetivo, com o intuito de evitar o retorno da direita. No entanto, esse governo, que se autoproclama de esquerda e revolucionário, revela uma combinação de inaptidão, corrupção e autoritarismo crescente, longe de conter a direita. Passo a passo, todas as ilusões de um novo mundo possível que dominaram o imaginário popular venezuelano nos primeiros anos do processo bolivariano liderado por Hugo Chávez foram se desmoronando (Lander, 2018).

Dessa forma,

Depois de tanta agitação política, hoje em dia, democracia, na Venezuela, é um termo em disputa, objeto de vários adjetivos, e um conceito de tortuosa aplicação. A confusão que hoje paira sobre se a Venezuela ainda é uma democracia decorre, em boa medida, da maneira pela qual se deu o processo de mudança constitucional do país sob a presidência de Hugo Chávez (Amorim Neto, 2002, p. 252).

A Venezuela desempenha uma liderança paradoxal na região sul-americana. Por um lado, exerce influência e lidera iniciativas voltadas para a integração regional, especialmente no setor energético. Por outro, adota um discurso antihegemônico que questiona a exploração das periferias e a dependência em relação aos centros de poder globais. Entretanto, a liderança ideológica e o protagonismo de Hugo Chávez resultaram em conflitos diplomáticos e tensões geopolíticas com os países vizinhos da América Latina (Preciado, 2008).

Nesse sentido, é possível relacionar essa conjuntura histórica às perspectivas das relações políticas como um campo dinâmico de reflexão. O chavismo, enquanto estrutura histórica, insere-se em relações políticas em constante movimento, não permanecendo estático. Sob essa ótica, estudar as migrações de venezuelanos para Florianópolis torna-se essencial, pois revela como essas mobilidades interagem com as dinâmicas políticas contemporâneas da América Latina. Assim, as migrações podem ser entendidas como parte das relações políticas que configuram o cenário atual.

De acordo com o pesquisador Vicente Ribeiro (2017), o processo bolivariano marca a emergência de um sujeito político, o povo venezuelano, que se afirma como proprietário de uma riqueza natural, o petróleo, e encontra, nesse recurso, a possibilidade de melhorar suas condições de vida. Contudo, esse processo carrega tanto um potencial quanto uma limitação, uma vez que essa melhoria depende da ampliação da capacidade de compra no mercado mundial, sustentada pela renda petroleira internacional. A crise vivida pela Venezuela, especialmente a partir de 2016, ressalta a urgência de refletir sobre as lutas emancipatórias dos trabalhadores. O agravamento da situação econômica gerou os piores salários, um aumento do trabalho informal e o enfraquecimento do acesso ao mercado, impulsionando migrações por trabalho.

Esse estudo, por outro lado, foca na dimensão das pessoas, das experiências vividas, buscando investigar, entre outros, como, em deslocamentos, venezuelanos reforçam e ressignificam suas identidades, reproduzindo em trânsito dinâmicas sociais espaciais e culturais na sociedade de acolhimento - no caso estudado, Florianópolis. E é nesta conjuntura de um tempo presente formado por múltiplos passados, pela evocação de signos de pertencimento que englobam os sujeitos em categorias abstratas, de reafirmação de identidades nacionais e suspeição generalizada de migrantes, que circulam as minhas narrativas sobre o impacto da chegada destes novos migrantes na cidade, bem como o que de fato nos interessa: as narrativas dos próprios protagonistas (Cechinel, 2021).

Os migrantes venezuelanos em Florianópolis desenvolvem arranjos sociais e estratégias de sobrevivência por meio de espaços translocais, fortalecendo conexões transnacionais e reinventando suas formas de sociabilidade e organização. Esta pesquisa busca compreender como esses migrantes se integraram à cidade, suas expectativas e a realidade de sua inserção social no sul do Brasil. Ao destacar as trajetórias dos migrantes, a pesquisa investiga tanto a percepção que eles têm de Florianópolis quanto a maneira como são vistos pela cidade que os acolhe. Essa dinâmica cria novas possibilidades de

adaptação na sociedade receptora. Assim, a forma como esses migrantes se adaptam e se estabelecem na cidade entre 2015 e 2021 reflete uma extensão transnacional e translocal das dinâmicas de organização social de seu local de origem, de uma maneira reinventada (Cechinel, 2021).

Nesse contexto, questões como a interseccionalidade de origem, classe e gênero se tornam centrais para compreender a subalternização e a vulnerabilidade que retardam ou dificultam os processos migratórios. Estudos de Assis, Padilla e França (2020) destacam que redes migratórias formadas por familiares e amigos desempenham um papel fundamental na consolidação de projetos migratórios e até no planejamento do retorno ao país de origem, revelando os cotidianos e desafios enfrentados por aqueles que partem em busca de melhores condições de vida.

Na perspectiva do Outro, é importante analisar as diversas perspectivas envolvidas no evento. A história deve ser lida a partir dos olhos dos atores sociais, observando como os aspectos globais e locais interagem e se influenciam mutuamente. O conceito de translocalidade se reflete na maneira como os indivíduos migram e reinterpretam suas identidades culturais à medida que se inserem em novos espaços. A partir da metodologia da História Oral pode-se compreender como o global e o local, com ênfase nas dinâmicas de poder, permitem entender como a migração está conectada a processos históricos mais amplos e como os indivíduos moldam essas dinâmicas a partir de suas experiências locais.

Segundo Rodrigues (2006), o fenômeno migratório internacional da Venezuela para cidades do Brasil tem se caracterizado pelo desenvolvimento de uma sociedade em redes. O movimento desses deslocamentos trouxe à tona a porosidade das fronteiras nacionais, étnico-culturais e identitárias, uma vez que, nos territórios das trocas materiais e simbólicas, se confrontam indivíduos e culturas muito diferentes. Assim, as práticas de deslocamento devem ser percebidas como constitutivas de significados culturais, em vez de serem apenas uma extensão ou transferência desses significados. As redes sociais construídas na migração venezuelana em Florianópolis têm a capacidade de produzir modos de organização que ultrapassam as fronteiras de um país, de um território definido por uma linha geopolítica.

Este estudo revelou a importância das redes sociais e familiares, que, além de envolverem solidariedade e conflitos, funcionam como mecanismos capazes de reduzir os riscos associados às migrações, sejam internas ou internacionais. Essas redes, formadas por grupos étnicos, são acionadas de maneiras distintas por homens e mulheres. No caso das

migrações dos venezuelanos em Florianópolis, observa-se que a construção dessas redes apresenta desigualdades de gênero. Por exemplo, mulheres venezuelanas frequentemente migram acompanhadas de filhos e vivenciam trajetórias de trabalho específicas. Essas migrações estão relacionadas a marcadores de gênero e raça, que influenciam a mobilidade social no território. Homens e mulheres constroem e alimentam essas redes, que orientam suas trajetórias na cidade e o acesso a diferentes oportunidades de emprego. Essas redes sociais se transformam ao longo do tempo, refletindo a dinâmica dos deslocamentos contemporâneos e o impacto da crise socioeconômica na Venezuela, agravada por sanções econômicas internacionais (Assis, Padilla e França, 2020).

Diante desse contexto, torna-se fundamental analisar as memórias dos migrantes venezuelanos entrevistados em Florianópolis. Por meio dessas narrativas, busca-se compreender as razões que os levaram a migrar para o Brasil e, em especial, para essa cidade.

As vinte entrevistas realizadas pela autora, atualmente em fase inicial de transcrição e análise, oferecem subsídios para avaliar se esses migrantes estão sendo acolhidos no Brasil, e mais especificamente em Florianópolis. Essas reflexões iniciais são cruciais para entender o fenômeno migratório venezuelano e, em específico, o trabalho de uma artista plástica venezuelana no contexto da cidade de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

ARTISTA PLÁSTICA E IMIGRANTE VENEZUELANA EM FLORIANÓPOLIS (SC/BRASIL): REFLEXÕES SOBRE EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS E O TRABALHO FEMININO NO TEMPO PRESENTE

Embora haja uma significativa produção midiática, política e inclusive acadêmica, poucos são os estudos que tem focado na região sul do Brasil, muito menos em Florianópolis (SC). De um modo geral, os pesquisadores de diferentes áreas buscam elucidar as origens da crise migratória na Venezuela, seus impactos sociais e econômicos no pequeno estado de Roraima, com seus poucos mais de 500 mil habitantes, e as mudanças institucionais que mobilizaram o Estado Brasileiro. Curiosamente, focam seus trabalhos após a derrubada do Governo Dilma Rousseff e a reorientação da política externa brasileira, iniciada com o Governo Michel Temer e aprofundada com o Governo de Jair Bolsonaro, em que o tema se tornou uma das marcas do seu alinhamento com o então presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump.

Os venezuelanos tornaram-se expressão de tudo o que não se queria para o Brasil: “não vamos tornar nosso país uma Venezuela”. Esse estudo, por outro lado, foca na dimensão das pessoas, das experiências vividas, buscando investigar, entre outros temas, como, em deslocamentos, venezuelanos reforçam e ressignificam suas identidades, reproduzindo em trânsito dinâmicas sociais espaciais e culturais na sociedade de acolhimento - no caso estudado, Florianópolis. E é nesta conjuntura de um tempo presente formado por múltiplos passados, pela evocação de signos de pertencimento que englobam os sujeitos em categorias abstratas, de reafirmação de identidades nacionais e suspeição generalizada de migrantes, que circulam as minhas narrativas sobre o impacto da chegada destes novos migrantes na cidade, bem como o que de fato nos interessa: as narrativas dos próprios protagonistas (Cechinel, 2021).

As migrações venezuelanas vão além da simples movimentação territorial, configurando-se como fenômenos de redes sociais familiares marcadas pela solidariedade e preservação cultural. Essas redes mantêm vivos os laços de origem enquanto se adaptam às culturas de acolhimento. Nesse processo, é essencial reconhecer o desprezo frequentemente direcionado às populações migrantes, incluindo os venezuelanos, em uma cidade como Florianópolis, cuja história é permeada por racismo, classismo e um imaginário de superioridade associado à ideia de ser "a melhor qualidade de vida do Brasil". Essas populações são frequentemente vistas como descartáveis, sujeitas à exclusão de seus objetos, saberes e técnicas.

Este estudo aborda a mobilidade a partir da perspectiva das redes migratórias, com foco nas experiências de trabalho de mulheres venezuelanas em Florianópolis, especialmente no campo das artes plásticas. A pesquisa investiga como esses deslocamentos contribuem para reforçar e ressignificar suas identidades, além de moldar dinâmicas sociais, espaciais e culturais nos contextos de acolhimento, com ênfase na cidade de Florianópolis. A categoria de redes migratórias, utilizada neste estudo, busca analisar as desigualdades enfrentadas por mulheres migrantes, tanto em seus países de origem quanto nas sociedades que as recebem (Assis, Padilla e França, 2020).

Os migrantes venezuelanos em Florianópolis têm desenvolvido arranjos sociais e estratégias de sobrevivência utilizando espaços translocais. Por meio dessas dinâmicas, fortalecem conexões transnacionais e reinventam suas formas de sociabilidade e organização. Esta pesquisa tem como objetivo analisar como esses migrantes se integraram à cidade, explorando suas expectativas e a realidade de sua inserção social no sul do Brasil, com ênfase no trabalho feminino, especialmente no campo das artes

plásticas. Ao investigar as trajetórias das mulheres venezuelanas, observou-se a formação de redes migratórias que conectam migrantes de diferentes contextos. Essas redes contribuem para a criação de novas possibilidades de adaptação na sociedade receptora. Assim, as formas de adaptação e estabelecimento desses migrantes na cidade, desde 2015 até os dias atuais, evidenciam uma extensão transnacional e translocal de suas práticas de organização social, adaptadas às realidades do novo contexto (Cechinel, 2021).

A partir das redes migratórias, as mulheres venezuelanas em Florianópolis passam a se reconhecer como latinas e vivenciam o processo de feminização das migrações, que frequentemente as insere em um mercado de trabalho segregado e associado ao cuidado. As entrevistas com essas mulheres revelam que, ao migrarem para Florianópolis, elas criam redes de apoio entre si, acolhendo-se e auxiliando-se mutuamente na busca por emprego, entre outras formas de suporte. Esse fenômeno é observado no Sul Global, onde as redes migratórias têm intensificado a feminização das migrações, refletindo um fluxo mais feminizado na América Latina (Assis, Padilla e França, 2020).

Analisar as mobilidades e redes migratórias no tempo presente é essencial para compreender como as identidades dos migrantes se articulam com os processos de deslocamento. Essa abordagem permite investigar de que forma as identidades influenciam as experiências de mobilidade e, ao mesmo tempo, são moldadas por elas. Sob essa perspectiva, é possível aprofundar a compreensão das desigualdades enfrentadas em contextos de trabalho feminino, bem como dos preconceitos associados à condição de serem latinas, especialmente em atividades como as artes plásticas (Assis, Padilla e França, 2020).

Para as pesquisadoras Baeninger e Peres (2012), utilizar a perspectiva de gênero nas análises demonstra a importância das diferenças socialmente construídas ao longo da migração. Esses fatores referem-se às transformações sofridas, sobretudo na família, e ao ganho de autonomia através da entrada da mulher migrante em um mercado de trabalho diferenciado. No contexto migratório, essas diferenças nas relações de gênero apresentam transformações experimentadas por ambos os sexos, que são distintas, e cada uma delas tem um impacto diferenciado em estruturas como a família e o domicílio. De fato, ao longo do processo migratório, homens e mulheres reconstroem, negociam ou reafirmam relações de poder, hierarquia e a própria identidade. De acordo com as pesquisadoras, a base da construção de qualquer trajetória migratória feminina é o ciclo de vida – individual e familiar. Ou seja, independentemente das expectativas construídas no lugar de origem, as trajetórias migratórias são dependentes do ciclo de vida das mulheres migrantes. O

planejamento do ciclo de vida, tanto individual quanto familiar, é a questão central que define as trajetórias migratórias.

Esse cenário, carregado de violência estrutural e simbólica, reflete-se nas produções artísticas de uma artista plástica e migrante venezuelana entrevistada em minha pesquisa de doutorado sobre narrativas migrantes em Florianópolis. Sua obra artística assume a tarefa de desvelar e resistir aos processos de apagamento e opressão impostos pela cidade, evidenciando a luta por reconhecimento e valorização das identidades migrantes¹³.

Esses mecanismos ocultam a relevância dos conhecimentos e produções culturais de artistas e migrantes venezuelanas, tornando-as invisíveis e dificultando a compreensão dos meios para enfrentá-los. Além disso, a dominação cultural impõe aos grupos dominados e subalternizados uma dificuldade em se identificarem com uma ideia autêntica de si mesmos, que passa a ser percebida como inatingível.

Figura 1. Fotografia com a artista



¹³ A pesquisa de doutorado foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos no dia 28 de outubro de 2024 na Plataforma Brasil. A entrevistada Sara autorizou a realização de sua entrevista e das fotografias, permitindo que as informações sejam utilizadas para análise neste artigo.

A fotografia foi capturada pela autora deste artigo em 14 de maio de 2024, com o consentimento da artista e migrante venezuelana, durante uma visita à galeria de arte Instituto Collaço Paulo, no bairro Coqueiros, em Florianópolis. O registro integra a pesquisa de doutorado da autora, que também aparece na imagem ao lado da entrevistada Sara. Para preservar a privacidade da entrevistada e garantir o sigilo ético, o rosto dela foi ocultado. A autorização para o uso da fotografia foi concedida pela entrevistada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. A imagem retrata o quadro pintado pela artista e migrante venezuelana Sara, que se expressa na tela como uma mulher "iluminando-se" ao sair de um longo período de depressão, marcado pela invisibilidade de não conseguir exercer sua profissão em Florianópolis.

A artista plástica e migrante venezuelana Sara, residente em Florianópolis, foi entrevistada duas vezes com o objetivo de compreender seu processo artístico na cidade. A entrevistada Sara, que falou sobre sua decisão de migrar devido ao fato de não conseguir concluir seus estudos em artes plásticas na Venezuela e, por consequência, não conseguir um bom emprego em seu país, teve seu relato utilizado para a análise desta pesquisa. Para compreendermos um dos motivos de migrações de mulheres venezuelanas na faixa dos trinta anos e estudantes universitárias na Venezuela, está o fato de não conseguirem concluir seus cursos de formação universitária e, por conseguinte, não conseguirem empregos em suas áreas de atuação. Assim, podemos analisar na fala de Sara:

Dois anos de faculdade de arte na Venezuela foram riquíssimos. Era para ser mais, mas decidi parar e emigrar devido à situação caótica do país. Com o coração partido, interrompi meus estudos num processo de desenvolvimento. Além disso, sempre tive uma visão fotográfica ao observar certos alvos e espaços. Meu olhar é muito fotográfico, e minhas pinturas surgem a partir de uma fotografia que imagino. Consigo transmitir minhas sensações como se fossem fotografias. Tive um professor incrível, que hoje mora em Nova Iorque, em parte devido à instabilidade na Venezuela (Sara, entrevista, 12 de setembro de 2024).

Sara relata que tenta se sustentar por meio de sua arte, mas, desde sua chegada, há oito anos, enfrenta dificuldades para vender suas obras. Sara acredita que sua condição de migrante impõe barreiras significativas e que ser venezuelana acrescenta um peso ainda maior devido ao preconceito. Sem conseguir espaço ou reconhecimento no meio artístico local, ela passou a trabalhar como tatuadora, atividade que, segundo ela, tem garantido sua sobrevivência em Florianópolis. O trecho a seguir descreve o momento em que a entrevistada deixou a Venezuela e como seu percurso na universidade de artes foi interrompido, devido às questões políticas e históricas na Venezuela, no tempo presente:

Eu comecei meus estudos em 2015 e emigrei em 2017. Ainda faltavam dois ou três anos para concluir minha formação, mas precisei partir com o coração apertado. A ansiedade já era constante, e eu não me sentia bem devido à situação econômica e, principalmente, à falta de segurança. Eu já me sentia prisioneira dentro de casa e havia deixado de frequentar a faculdade. Estudava em Caracas, onde tudo é centralizado – os ministérios, a melhor educação e as principais faculdades estão na capital. Fiz cinema pela manhã e, à tarde, cursava artes plásticas. A instituição onde estudava se chama Unearte, criada a partir da fusão de várias faculdades de arte promovida pelo governo. Essa nova universidade passou a se chamar Universidade Experimental das Artes. O campus onde estudei já era bastante conhecido e se chamava Armando Reverón, em homenagem a um artista plástico local. Ele era impressionista, trabalhava com luz, e seu trabalho é muito bonito. Claro, ele já faleceu há muito tempo, e eu estudei na faculdade, na sede de artes plásticas dele. Estudei lá por quase dois anos, estava no quarto semestre, quando comecei a sentir todo esse peso e pensei: “Ah, quer saber, vou embora” (Sara, entrevista, 08 de setembro de 2023).

O quadro pintado pela artista plástica e migrante venezuelana Sara, representado na fotografia acima, retrata uma mulher que, ao chegar a Florianópolis, enfrentou um período de depressão devido à falta de acolhimento na cidade que escolheu para viver. Contudo, ao encontrar espaços onde pôde apresentar seu trabalho artístico, começou a vislumbrar novas possibilidades de visibilidade, superando a subalternidade, invisibilidade e exclusão que a cidade frequentemente impõe aos migrantes venezuelanos. Sara relatou que, ao chegar a Florianópolis, passou por situações de vulnerabilidade que desencadearam sintomas depressivos, pois não se sentia plenamente acolhida e reconhecida como ser humano. A mulher retratada no quadro simboliza as migrantes que começam a sentir-se “iluminadas” ao perceberem as luzes que entram e saem de seus corpos, representando a transformação proporcionada pelo acolhimento em espaços como a ONG Círculos de Hospitalidade. Desde 2015, essa organização acolhe migrantes de diferentes partes do mundo que chegam a Florianópolis sem referências, promovendo iniciativas como as Feiras de Migração no centro da cidade. Essas ações visam apresentar o trabalho dos migrantes e estimular sua inserção na sociedade e cultura locais, que ainda os enxergam como “outros” e não como parte da cidade.

Nas entrevistas concedidas por Sara, ela destacou que “a mulher iluminada” no quadro não a representa diretamente, mas simboliza mulheres migrantes encontrando seu espaço de plenitude e humanidade. A artista plástica também afirmou que encontrou na arte uma forma de “cura” para a depressão que enfrentou. Durante esse período, Sara ficou acamada por alguns meses após um acidente ao descer de um ônibus, além de sentir-se solitária por estar afastada de sua família, que está dividida entre Florianópolis e os

Estados Unidos. Sua mãe e irmão, por exemplo, realizam trabalhos de limpeza nos Estados Unidos para juntar recursos e realizar o sonho de adquirir uma casa em Florianópolis.

A artista contou que, ao encontrar telas para pintura descartadas em lixeiras da cidade, começou a pintar como forma de aliviar sua solidão e expressar suas emoções. Retomar sua profissão de artista plástica, interrompida na Venezuela devido à crise no país, representou um reencontro com sua identidade e uma forma de expressar as dores de ser uma migrante venezuelana em Florianópolis. Essas dores incluem a ausência da família, as dificuldades financeiras e a interrupção de seus estudos em artes plásticas na Venezuela, onde a escassez de professores levou à paralisação de muitos cursos.

Segundo Sara, a cidade de Florianópolis ainda demonstra pouco interesse por obras de arte criadas por migrantes, especialmente por venezuelanos. Ela relatou que a venda de quadros não é viável como fonte de renda, o que a levou a explorar tatuagens como alternativa de sobrevivência. No entanto, as luzes representadas no quadro simbolizam a resiliência das mulheres migrantes, que persistem em seus esforços para encontrar um espaço de pertencimento, mesmo em uma cidade que muitas vezes as força a questionar suas existências, humanidades e profissões.

A partir disso, a entrevistada Sara aponta que:

Dizer que uma mulher é artista já é significativo. Mas, uma mulher artista venezuelana é algo ainda mais especial. No último ano, tenho trabalhado bastante nessa ideia. A realidade é que o artista já enfrenta discriminação. O artista vive num mundo muito próprio, pois a arte se expressa através de pensamentos e questionamentos. A arte gráfica, a interação, a música, as pesquisas, tudo nasce de nós. Esse processo de criação e expressão através de ferramentas, como nas artes plásticas, torna a pessoa muito individualista. É muito o seu mundo. Por isso, o artista é muitas vezes visto como o “louco”, porque é necessário mergulhar fundo em si mesmo. E, nesse processo, encontram-se muitos altos e baixos, cores, obscuridades, luzes, texturas, sons, memórias, visualizações. Acaba sendo um universo próprio. Entre o louco e o artista, há um caminho parecido. Isso eu já mencionei várias vezes (Sara, entrevista, 12 de setembro de 2024).

A partir da fala da migrante venezuelana Sara, podemos refletir sobre as ideias da intelectual brasileira Djamila Ribeiro (2023), que afirma que o lugar social não determina, necessariamente, uma consciência discursiva sobre esse lugar. No entanto, o lugar que ocupamos socialmente molda experiências distintas e proporciona perspectivas únicas. Assim, busca-se refutar uma suposta universalidade. Ao promover uma multiplicidade de vozes, o objetivo principal é romper com o discurso autorizado e único, que se apresenta

como universal. Trata-se, sobretudo, de lutar contra o regime de autorização discursiva. Djamila Ribeiro ensina que grupos subalternizados não têm direito à voz, pois ocupam um lugar onde suas humanidades não são reconhecidas, sendo classificados como “daqueles que não importam”.

Djamila Ribeiro (2023) também discorre sobre os lugares de fala e a necessidade de escuta por parte de quem sempre foi autorizado a falar. Ela aponta a dificuldade da pessoa branca em ouvir, devido ao incômodo gerado pelas vozes silenciadas e ao confronto que ocorre quando a voz única é desafiada. As narrativas daqueles que foram forçados ao lugar do Outro trazem, inevitavelmente, conflitos necessários para a mudança. O não ouvir representa a tendência de permanecer num lugar cômodo e confortável de quem se reivindica o direito de falar sobre os Outros, enquanto esses permanecem silenciados.

Quando analisamos a fala da migrante Sara, que afirma que ser mulher artista já é uma condição singular, mas que ser mulher artista venezuelana é outra, devido ao peso do preconceito que se duplica pelo estigma de ser venezuelana, podemos recorrer novamente à reflexão de Djamila Ribeiro (2023). Todas as pessoas possuem lugares de fala, e no caso específico de Sara, seu lugar de fala está relacionado à sua condição de artista plástica, mulher e migrante venezuelana em Florianópolis. Como Djamila Ribeiro explica, trata-se de uma questão de localização social.

A partir dessa localização social, torna-se possível debater criticamente os diversos temas que permeiam a sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes a grupos privilegiados no *locus* social reconheçam as hierarquias produzidas por esse lugar e compreendam como ele impacta diretamente a constituição dos lugares de grupos subalternizados, como no caso da artista plástica e migrante venezuelana Sara. Assim, o lugar de fala de Sara revela memórias em disputa e o surgimento de relatos frequentemente estereotipados.

No contexto das migrações contemporâneas, particularmente nas migrações Sul- Sul e na crescente feminização desses fluxos, autoras e pesquisadoras da área de migração e gênero, como Assis, Padilla e França (2020), destacam que o corpo feminino, carregado de diferenças, carrega consigo uma desconfiança social, especialmente no cenário atual, onde as dinâmicas migratórias refletem padrões de subalternidade e colonialidade. O gênero, compreendido como um conjunto de relações sociais, organiza essas dinâmicas migratórias e, no caso das mulheres venezuelanas que se dirigem ao sul do Brasil, é possível perceber a presença de redes transnacionais de cuidados, essenciais para essa

movilidade. Nesse processo, as mulheres latino-americanas enfrentam, além disso, a sexualização e racialização de seus corpos, o que reforça sua subalternidade e ativa imaginários xenofóbicos e coloniais na sociedade contemporânea.

Analisar a relação entre gênero, trabalho e mobilidade no tempo presente é essencial para compreender como as identidades de gênero influenciam as formas de deslocamento. Esse enfoque permite entender como tais identidades impactam as experiências de mobilidade e as desigualdades de gênero presentes nesses contextos. Entrevistar a artista plástica e migrante venezuelana, Sara, é fundamental para entender o contexto migratório que ela enfrenta, revelado por sua própria voz, marcada por relações de poder desiguais. Este estudo permite analisar, a partir das perspectivas de gênero, trabalho e mobilidade das mulheres venezuelanas, como o poder é distribuído de maneira desigual, posicionando-as em situações de desvantagem. Ao focar nas experiências das venezuelanas em Florianópolis, a análise visa expor os desafios e impactos enfrentados por essas migrantes por meio de suas narrativas (Piscitelli, 2008).

Como pode-se observar na seguinte fala de Sara:

Vivemos em uma cultura muito machista. Ser mulher latino-americana é sempre difícil, em qualquer lugar. Se você chega como mulher solteira, é uma coisa. Se chega como mulher casada, é outra. Se chega como mulher com filhos, é outra ainda. A postura dos homens é diferente. Entre eles, parece que não importa o que têm ou não. Eles conseguem valorizar uma imagem e ver o potencial da pessoa. Com as mulheres, parece que... Eu sempre me senti como um objeto de desejo primeiro e, a partir disso, conseguimos construir algo. Então, é complicado. Queremos ser vistas pelo nosso potencial, não apenas como um objeto de desejo. Apesar disso, eu nunca me senti um objeto de desejo. Quer dizer, já me senti assim às vezes. Com certeza, é muito complicado ser mulher, autônoma, artista, empresária, com todas essas responsabilidades (Sara, entrevista, 12 de setembro de 2024).

A intelectual brasileira Djamila Ribeiro (2023) permite refletir sobre o lugar social de Sara na sociedade brasileira, especificamente em Florianópolis. Como artista plástica, migrante e mulher latina, Sara enfrenta desigualdades e hierarquias que colocam grupos subalternizados em posições marginalizadas. As experiências desses grupos fazem com que as produções intelectuais de Sara, como seus quadros, saberes e vozes, sejam tratadas de maneira igualmente subalternizada. Além disso, as condições sociais mantêm esses grupos em um lugar estruturalmente silenciado.

Djamila Ribeiro (2023) também destaca que, no caso de Sara, como artista, migrante e mulher, esses grupos criam diversas formas de organização políticas, culturais e intelectuais para enfrentar os silêncios institucionais. No entanto, as condições sociais dificultam a visibilidade e legitimidade das produções de Sara em Florianópolis. Essas experiências, resultantes do lugar social que ocupam, impedem que a população artista plástica, migrante e mulher venezuelana, representada por Sara neste estudo, acesse certos espaços na cidade. Isso mostra como a dificuldade de acessar esses espaços resulta na ausência de produções e epistemologias desses grupos. A falta de justiça na ocupação dos espaços sociais da cidade impossibilita que as vozes desses grupos sejam ouvidas. Quando falamos do direito à existência digna de trabalhadoras e mulheres migrantes venezuelanas, estamos nos referindo ao locus social e como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência e inserção na cidade de acolhimento, Florianópolis.

As migrações venezuelanas, neste contexto, podem ser vistas como um espaço de interseção onde identidades e histórias múltiplas se entrelaçam e transformam. Brah (2011) sugere que as migrações oferecem oportunidades para preservar e reinventar culturas, especialmente no campo da arte, onde temas como migração e mulheres latinas emergem. Nas obras de Sara, é possível perceber essa abordagem na valorização da cultura venezuelana e na crítica à subalternidade enfrentada por migrantes na cidade, apresentando uma resistência cultural que desafia as estruturas de poder e os legados sociais impostos pela cidade. A arte plástica, como espaço de expressão das opressões vividas pela artista, é essencial para a compreensão de suas obras, que não apenas reforçam a importância do pertencimento do migrante à cidade, mas também propõem uma reinterpretação da memória coletiva migrante e venezuelana. Como pode-se observar na seguinte fala da entrevistada Sara:

Mas a parte do venezuelano pesa um pouco. Porque o venezuelano já está passando fome, é pobre, é burro, tadinho. Nunca é, tipo, “que legal, vamos ver quem é”. Então, para eu chegar até um ponto de valorização, tem custado bastante. Tem custado muito. E eu tive que engolir muitas coisas, aceitar muitas coisas que eu sabia que não estavam certas, que eu estava sendo desvalorizada, mas que eu precisava passar por isso para mostrar que eu era mais e depois ir além. Então, pesa bastante por causa da nossa orientação política e econômica. Tem custado muito. O venezuelano está sendo super discriminado, com certeza. Hoje, eu acho que, já por tantos anos de migração, e por tantos empreendedores e pessoas lutadoras, temos levantado o nome. Eu sou uma dessas, porque sou uma pessoa completamente honesta, trabalhadora, muito fiel, ajudo muito os outros. Eu ajudo muito, tendo ou não tendo, com dificuldades ou sem dificuldades, estou lá para os outros. Eu vejo a arte venezuelana como uma qualidade

mesmo. Mas tenho sido básica, sou bem precisa (Sara, entrevista, 12 de setembro de 2024).

Dessa forma, como aponta o sociólogo Zygmunt Bauman, ao pensarmos nos estrangeiros nas cidades, muitas vezes surgem ideias preconceituosas que reforçam a defesa contra a presença dos estrangeiros, como “não fale com estrangeiros”. Essas ideias promovem a visão de que os estranhos são pessoas com quem devemos evitar contato, reforçando a prudência em uma vida marcada pela distância social. No caso dos migrantes venezuelanos em Florianópolis, que representam de forma tangível o “outro”, sua presença pode, paradoxalmente, unir indivíduos atemorizados e desorientados em algo que se assemelha a uma comunidade. No entanto, os esforços para manter o “outro” à distância revelam um olhar colonial que perpetua essas relações, evitando comunicação, negociação e compromisso mútuo. Isso coloca as pessoas migrantes numa situação de vulnerabilidade que muitas vezes não é percebida, mesmo enquanto evitam o reconhecimento da vulnerabilidade dos outros (Bauman, 2001).

Diante disso, podemos perceber como o trabalho de Sara como artista plástica não é valorizado na cidade de Florianópolis porque ela relatou em conversas com a autora que teve que criar a imagem de tatuadora para conseguir sobreviver financeiramente na cidade. A cidade de Florianópolis não valoriza a arte migrante e muito menos a arte de uma migrante venezuelana, como afirmou Sara. Para sobreviver e se sustentar financeiramente na cidade, Sara teve que criar uma imagem em suas redes sociais do *Instagram* como tatuadora profissional. Mas, Sara afirma que seu desejo seria conseguir trabalhar como uma artista plástica na cidade de Florianópolis.

Para a intelectual Joice Berth (2023), a opressão de gênero que Sara sofre em Florianópolis pode ser percebida, por exemplo, como o gênero interfere na qualidade de vida das cidades e nas decisões políticas sobre o espaço. Pois, falar em cidade para as minorias sociais, isto é, para grupos de pessoas no qual Sara se insere—artistas plásticas, migrantes latinas, e mais especificamente venezuelanas, é falar de violências. Embora sejam maiores em quantidade, são menores em garantias, direitos e benefícios sociais.

Ao analisarmos a situação da migrante Sara, nas discussões feministas são relacionadas diversas formas de violências a que as mulheres estão sujeitas. No caso específico, podemos inserir a violência urbana como parte desse conjunto. Para pensar em gênero em toda a sua extensão conceitual, prática e histórica, precisamos entender que a violência é uma linguagem utilizada nas relações de poder desiguais que caracterizaram as opressões que estruturaram toda a sociedade e suas relações políticas, culturais,

objetivas e subjetivas. Podemos chamar de privilégio a concentração de direitos em uma única categoria social. E no caso da violência urbana, ao pensarmos no caso específico da artista plástica e migrante venezuelana Sara, podemos entender o privilégio dentro de um contexto de opressões estruturais. Não se trata de benefícios e vantagens individuais, mas de direitos básicos e fundamentais que deveriam ser distribuídos entre toda a população, mas que são negados para grupos subalternos sob a colonialidade do poder.

Joice Berth (2023) lembra que a colonialidade, de acordo com o sociólogo peruano Aníbal Quijano, é a consolidação das ideias e das práticas sociais que se formaram na colônia e se perpetuaram nas sociedades pós-independência. A colonialidade formou e estabeleceu hierarquias entre as identidades, confinando alguns grupos em uma posição politicamente desfavorável e desigual. Gênero, assim como todas as identidades paralelas criadas e marginalizadas pela influência da modernidade eurocêntrica, é uma categoria consolidada pela colonialidade. Há um histórico de construção social que varia em alguns níveis de representação de acordo com cada lugar do mundo, mas todos partem de uma mesma ideia: a desumanização e a objetificação da mulher por uma supremacia que coloca homens, em especial homens brancos, como centro das decisões e dos acessos a privilégios e benefícios sociais diversos.

A experiência de Sara, artista plástica e migrante venezuelana na cidade de Florianópolis, ao vivenciar os espaços urbanos, é diferente das experiências dos homens. O componente racial também define as diferentes vivências entre mulheres brancas e negras ou não-brancas, que, além de expostas à opressão de gênero, têm as ferramentas do racismo atuando no aumento da agressividade na abordagem, na intensidade dos abusos e na exposição dessas mesmas mulheres a perigos invasivos.

Isso ainda se soma à exclusão de mulheres negras e não-brancas nos espaços que pensam e produzem a cidade, já que a colaboração dessas migrantes latinas é sempre suprimida, usurpada, ignorada e negligenciada. As invasões e os silenciamentos são parte das ações da colonialidade do saber que perpetuou a ideia racista e selvageria, o que fez do corpo da mulher negra e não-branca um objeto com propensão natural à servidão e à exploração.

Nesta pesquisa, propõe-se descrever as desigualdades às quais as mulheres migrantes são submetidas, tanto nas sociedades de origem quanto nos contextos de acolhimento. Assim, gênero, como categoria de análise científica, aparece marcando as trajetórias das mulheres migrantes, demonstrando estratégias migratórias e a construção de redes sociais e modos de inserção no mercado de trabalho (Assis, Padilla e França, 2020).

O estudo de gênero e mobilidades no tempo presente é fundamental para a compreensão das interações entre identidades de gênero e formas de deslocamento, permitindo analisar como estas influenciam as experiências de mobilidade e são por elas influenciadas. Tal abordagem possibilita uma melhor compreensão das desigualdades de gênero presentes nesses contextos, bem como das lutas por equidade. Além disso, a aplicação da teoria da História do Tempo Presente nos convida a investigar não apenas os fenômenos atuais, mas também suas raízes e implicações, promovendo uma análise mais crítica e contextualizada das relações entre gênero e mobilidades na contemporaneidade (Assis, Padilla e França, 2020).

A intelectual Silvia Federici (2019) aponta que a globalização, em todas as suas formas capitalistas, é, em essência, uma guerra contra as mulheres. Essa guerra é particularmente devastadora para as mulheres no "Terceiro Mundo", mas prejudica o sustento e a autonomia das mulheres proletárias em todas as regiões do planeta. Daí que as condições sociais e econômicas das mulheres não podem ser melhoradas sem uma luta contra a globalização capitalista.

Silvia Federici (2019) também afirma que o desenvolvimento capitalista continua a produzir pobreza e que, para se perpetuar, precisa criar dentro do proletariado divisões que bloqueiam a construção de uma sociedade livre de exploração. As políticas feministas devem, portanto, subverter a nova divisão internacional do trabalho e o projeto de globalização do qual ela se origina. Além disso, ela nos adverte que a reivindicação por igualdade é indissociável da crítica ao papel desempenhado pelo capital internacional na recolonização dos "países do Sul" – e que a resistência diária dessas mulheres migrantes e latinas, decididas a sobreviver, é, antes de tudo, uma luta política e feminista.

Segundo Silvia Federici (2019), há uma lógica em funcionamento que traz de volta regimes de trabalho típicos das plantações coloniais, nos quais os trabalhadores eram consumidos produzindo para o mercado global e mal conseguiam se reproduzir. Todas as estatísticas vitais que medem a qualidade de vida em países que passaram por ajustes estruturais enfatizam esse ponto. Normalmente, elas indicam o aumento no número de migrantes, principalmente mulheres, deslocadas por políticas econômicas. Assim, podemos pensar nas trajetórias de migração e trabalho de uma artista plástica venezuelana no contexto da cidade de Florianópolis. Para tentar sobreviver financeiramente e se inserir na cidade de acolhimento, ela cria estratégias de sobrevivência nas quais se propõe a superar as desigualdades às quais as mulheres migrantes são submetidas, tanto nas sociedades de origem quanto nos contextos de acolhimento. Dessa forma, o gênero, como categoria de

análise científica, aparece marcando as trajetórias das mulheres migrantes, demonstrando estratégias migratórias e a construção de redes sociais e modos de inserção no mercado de trabalho.

Em um contexto neoliberal marcado por novos processos de acumulação de capital, esta pesquisa analisa investigações que problematizam a histórica articulação entre trabalho e migrações a partir das trajetórias de migração e trabalho de uma artista plástica venezuelana, Sara, no contexto da cidade de Florianópolis. Este artigo examina as transformações no mundo do trabalho, como a intensificação das condições de precariedade e informalidade laboral, a partir das trajetórias de migração e trabalho de Sara. Especialmente, busca investigar como essas transformações afetam a população migrante e as diferentes dimensões vinculadas às suas inserções laborais em contextos latino-americanos, incluindo migrantes na América Latina, especificamente em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Figura 2. Exposição "Etérea"



A imagem mostra a migrante e artista plástica Sara, entrevistada para a pesquisa, junto à autora da pesquisa, durante a exposição "Etérea" no Instituto de Arte Collaço Paulo, em 14 de maio de 2024, com entrada gratuita. A exposição propôs um mergulho na Coleção Collaço Paulo, explorando representações santificadas, objetos e peças que transitam entre o popular e o erudito, de diversas escolas e épocas. Foram investigadas mais de cem peças, revelando mistérios ligados à fé, ao sagrado, ao profano e ao devocional. A autora apresenta à artista o "santo do pau oco", expressão originada no período colonial brasileiro. Na época, santos de madeira, como o São Francisco de Assis da foto, eram

esculpidos com o interior oco para esconder objetos valiosos, como ouro, sem chamar atenção. A expressão descreve alguém que parece honesto, mas esconde intenções ou comportamentos hipócritas.

A visita à exposição “Etérea” no Instituto Collaço Paulo com a entrevistada Sara proporcionou momentos relevantes para refletir sobre a presença de migrantes venezuelanos em Florianópolis. Realizada na tarde de 14 de maio de 2024, uma terça-feira, a escolha do horário foi significativa, pois reflete como espaços artísticos permanecem pouco acessíveis às classes trabalhadoras, geralmente ocupadas com o trabalho formal nesse período. O dia foi escolhido de forma intencional, pois tanto a pesquisadora quanto a entrevistada tinham disponibilidade para visitar a galeria e compartilhar conhecimentos sobre arte latino-americana, tema abordado na exposição e familiar à artista plástica Sara, que cursou Artes Plásticas na Unearte (Universidad Nacional Experimental de las Artes), na Venezuela.

Ao chegarmos, encontramos um grupo de mulheres mais velhas, claramente de alta classe social, evidenciado pelas roupas de marcas caras. O dono da galeria, um médico influente na cidade, nos informou que elas eram convidadas, mas que poderíamos permanecer. Apesar de nos sentirmos deslocadas, decidimos aproveitar a oportunidade, considerando o momento como uma forma de pesquisa etnográfica para entender a interação da cidade com os migrantes. Durante a visita, percebemos olhares preconceituosos, especialmente em relação a Sara, cuja aparência fugia dos padrões estéticos esperados.

Ao sairmos, um senhor fez um comentário preconceituoso, questionando o que uma “indígena” fazia em uma exposição tão importante. A situação foi constrangedora, e nossa única resposta foi o silêncio ao deixar a galeria. Sara, entretanto, reagiu com tranquilidade, afirmando já ter enfrentado falas similares e que não se deixava abalar. Como pesquisadora, pedi desculpas e refleti sobre como o preconceito reforça a percepção dos migrantes como “os outros”, excluídos do “nós” da sociedade local, alinhando-se ao conceito de “espaços tensionados” (Cechinel, 2021).

A partir do seguinte relato de Sara, é possível perceber como o preconceito reforça a percepção dos migrantes como “os outros”, excluídos do “nós” que compõem a sociedade local. Ao migrar para Florianópolis, Sara não apenas enfrenta desafios relacionados à identificação, mas também lida com a percepção de ser uma mulher migrante, latina e discriminada. Essa vivência cotidiana de confronto com a cidade revela como os migrantes

constroem seus imaginários e lidam com as tensões que permeiam o processo de adaptação e inclusão social.

Assim:

Consegui me conectar com a condição de ser migrante há cerca de dois anos. Passei a compreender o que significa ser migrante, a valorizar sua cultura e a importância do que acontece no mundo. Migrar é um direito, não um problema. Muitos países veem a migração como fruto de problemas graves no país de origem. Apesar disso, traz um grande peso: carregamos um passado e uma história. Chegando a um novo lugar, parece que perdemos a validade, sendo vistos apenas como “o migrante”, muitas vezes associado a pobreza ou incapacidade. Ao reconhecer-me migrante, compreendi as problemáticas e dificuldades sociais, laborais e pessoais que enfrentava. Somos vistos como transitórios, como alguém que pode partir a qualquer momento, sem memória cultural desde o início. Mesmo após oito anos em Florianópolis, continuo aprendendo diariamente e entendi que isso não é culpa minha. Ainda assim, somos frequentemente vistos como temporários, alguém em quem não se deve apostar ou acreditar. Essa percepção torna difícil sentir-se valorizado (Sara, entrevista, 12 de setembro de 2024).

Nesse sentido, Stuart Hall (2023) oferece uma perspectiva crítica sobre o conceito de identidade, destacando o processo contínuo de negociação das identidades. Nesse contexto, é crucial refletir sobre como a artista plástica e migrante venezuelana na cidade de acolhimento representa um momento importante para pensar sobre o artista: quem migra, como migra e de que maneira chega a novos lugares. Assim, torna-se difícil definir identidades de maneira definitiva, uma vez que muitos fenômenos sociais não permitem conclusões absolutas ou julgamentos seguros. Hall também explora como a identidade cultural moderna é moldada pelo pertencimento a uma cultura nacional e como processos de mudança, como os deslocamentos, afetam esse senso de pertencimento.

O processo de hibridação traz um impacto significativo nas artes e na cultura, evidenciando que os tipos de migração não estão relacionados apenas a questões raciais, mas também a fatores sociais e culturais, além das dimensões geográficas. Stuart Hall (2023) discute a explosão da identidade nas últimas décadas, ressaltando que a identidade não é uma essência fixa, mas é formada pela diferença e pela exclusão. A identificação, nesse sentido, deve ser vista como uma articulação provisória, que nunca está completa e que se encontra em constante transformação, especialmente em contextos de globalização e migração.

A identidade não é uma construção fixa; é relacional e marcada por elementos simbólicos, moldada pela interação com o outro. Esse caráter social e simbólico é essencial para a construção das fronteiras entre o excluído e o incluído. As identidades não são inegociáveis, e a identificação nunca se apresenta como completamente plena, sempre carregando sobras ou lacunas. A busca por um reconhecimento de uma origem comum demanda solidariedade e lealdade, refletindo um enfoque discursivo que pode representar tanto uma conquista quanto uma perda. Nesse sentido, a identidade se funde e se funde em um processo condicional, onde a ideia de fusão total se torna uma fantasia de incorporação. Essa articulação e sutura se tecem e se misturam, revelando a complexidade das relações identitárias.

A identidade é construída por meio da exclusão do outro e está intrinsecamente ligada a relações de poder, hierarquia e desigualdades. Nesse sentido, identidade e diferença são interdependentes, revelando como a subjetividade é moldada por essas dinâmicas. Brah (2011) discute a importância das relações de poder na formação da identidade, destacando que a diferença deve ser compreendida como uma parte fundamental da identidade, sendo ambas pensadas nas interações de poder e desigualdades sociais.

Diante disso, a autora Rita Segato (2021) possibilita pensar nas trajetórias de migração e trabalho da artista plástica venezuelana Sara no contexto da cidade de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, ao analisarmos como parte dos povos afetados pelo padrão da colonialidade. Como Rita Segato (2021) aponta, a partir dessa organização eurocêntrica da produção e da subjetividade, por um lado, os próprios saberes passam a reger-se por essa escala de prestígio, e, por outro lado, o saber disciplinar sobre a sociedade estrutura-se, especialmente, a partir da relação hierárquica do observador soberano sobre seu objeto naturalizado.

Aníbal Quijano (1992) argumenta que a colonialidade instaurou uma relação abrangente de dominação política, social e cultural dos europeus sobre os povos conquistados em todos os continentes, caracterizando o colonialismo. Mesmo após o fim formal do colonialismo político, a relação entre a cultura europeia, ou ocidental, e outras culturas persiste como uma forma de dominação, manifestada pela colonização do imaginário dos povos subjugados. Essa perspectiva é essencial para entender como o legado europeu continua influenciando a construção das identidades migrantes nas Américas, perpetuando estigmas raciais e impondo valores e estéticas eurocênticas. Nesse contexto, o caso de Sara, artista plástica venezuelana, dialoga diretamente com essa análise, ao evidenciar a resistência cultural e estética que surge no processo migratório para Florianópolis.

Esse entendimento dialoga com Chakrabarty (2020), que analisa a centralidade da Europa no discurso acadêmico de história. A "Europa" mantém-se como sujeito teórico dominante, influenciando narrativas de outros contextos, que acabam relegados a uma posição subalterna. Chakrabarty observa que historiadores do terceiro mundo frequentemente recorrem a estudos europeus, enquanto o oposto raramente ocorre, evidenciando uma supremacia teórica que permeia a produção do conhecimento histórico. Sara, com suas práticas artísticas, confronta essas narrativas ao revisitar histórias e trazer perspectivas de mulheres migrantes latinas, desafiando as imposições eurocêtricas.

Nesse contexto, Mignolo (2008) propõe a descolonialidade como uma perspectiva que se posiciona a partir da exterioridade, em oposição à hegemonia epistêmica que estrutura a colonialidade. A descolonialidade envolve dois movimentos principais: desvelar a lógica colonial e seus mecanismos de perpetuação e desconectar-se dos efeitos totalitários das subjetividades e categorias de pensamento ocidentais. Esse marco teórico é essencial para compreender como as obras de Sara expressam resistência e criam novos significados. Por meio de sua arte, ela revela a jornada de uma mulher migrante que busca visibilidade e reconhecimento em Florianópolis, rompendo com paradigmas impostos pela colonialidade.

Na produção de Sara, que revisita a História e enfrenta o legado colonial, evidencia-se um movimento de resistência alinhado ao conceito de "cosmopolitismo descolonial", segundo Mignolo (2017). Suas obras transcendem a crítica à modernidade e ao capitalismo, promovendo uma nova forma de pensar a identidade feminina migrante. Assim como as organizações transnacionais analisadas por Mignolo, Sara insere as narrativas de mulheres latinas no campo artístico, desafiando a centralidade ocidental e fortalecendo uma descolonização ativa e criativa.

Para Suely Rolnik (2011), o território migrante é formado por fluxos e experiências, configurando-se como um território afetivo. No caso dos venezuelanos que refazem seus territórios em Florianópolis, a arte de Sara funciona como uma cartografia sentimental, tecendo memórias e resistências. Essa abordagem revela as dificuldades e potencialidades das políticas urbanas que moldam as experiências dos migrantes, sobretudo em um contexto neoliberal como o de Florianópolis. A cidade, que busca se afirmar como a "capital do Mercosul", impõe desafios aos migrantes que precisam adaptar-se a novas realidades, enquanto suas vivências transnacionais ressignificam o espaço urbano.

Para Leslie Kern (2021), o direito de ocupar espaços está relacionado a dinâmicas de gênero e poder. Sara enfrenta barreiras enquanto busca afirmar-se como mulher, artista e migrante em Florianópolis. Suas obras revelam as restrições impostas às mulheres no espaço público, que frequentemente reproduzem desigualdades de gênero e trabalho. Ao ocupar esse espaço, Sara desafia estruturas hegemônicas, trazendo à tona as interseções entre identidade, gênero e território na construção de novas narrativas em uma cidade de acolhimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou que Florianópolis tem sido transformada pela crescente presença de migrantes venezuelanos desde 2015, em decorrência da crise na Venezuela. Inicialmente, os migrantes se concentraram na fronteira de Pacaraima, expandindo-se para outras partes do Brasil, incluindo Florianópolis. A cidade passou a receber venezuelanos em busca de melhores condições de vida, refletindo a gravidade da crise (Negreiros, 2022; Oliveira e Souza, 2019).

O estudo, com enfoque na experiência de uma artista plástica venezuelana, insere-se na História do Tempo Presente, considerando o presente como parte de um passado recente com projeções para o futuro (Koselleck, 2014). A pesquisa abordou a migração sob a perspectiva de gênero, destacando a importância de visibilizar as mulheres migrantes, enfrentando desigualdades e promovendo a inclusão na sociedade local (Assis, Padilla e França, 2020).

A identidade, como construção no encontro com o outro, é central na disputa identitária da artista, que busca pertencer à cidade de Florianópolis (Hall, 2023). A pesquisa evidenciou como o processo de adaptação envolve desafios de poder e mobilidade, com implicações nas dinâmicas sociais e culturais. As cidades contemporâneas, marcadas por desigualdades, exigem uma construção de espaços solidários e interculturalidade crítica, pois o direito à cidade é conquistado, não dado (Kern, 2021).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alberti, Verena (2008). *Fontes orais: histórias dentro da história*. In Pinsky, Carla Bassanezi. (Org.), *Fontes históricas* (pp. 155-202). São Paulo, Brasil: Contexto.
- Amorim Neto, Octavio (2002). De João Goulart a Hugo Chávez: A política venezuelana à luz da experiência brasileira. *Revista Opinião Pública*, 8(2), 251-274.

Assis, Gláucia de Oliveira, Padilla, Beatriz e França, Thais. (Orgs.) (2020). *Gênero e mobilidades no tempo presente*. Ponta Grossa, Brasil: Todapalavra Editora.

Baeninger, Rosana e Peres, Roberta Guimarães (2012). *Migração feminina: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero*. In Anais do XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Águas de Lindóia. São Paulo, Brasil: ABEP.

Baeninger, Rosana (2018). Governança das migrações: migrações dirigidas de venezuelanos e venezuelanas no Brasil. In Baeninger, Rosana e Silva, João Carlos Jarochinski (Coords.), *Migrações venezuelanas* (pp. 135-138). Campinas, Brasil: Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" – Nepo/Unicamp.

Baeninger, Rosana e Silva, João Carlos Jarochinski (2021). O êxodo venezuelano como fenômeno da migração Sul-Sul. *REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 29(63), 123–139.

Bauman, Zygmunt (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar Editores.

Brah, Avtar (2011). *Cartografías de la diáspora: Identidades en cuestión*. Madrid, Espanha: Traficante de Sueños.

Berth, Joice (2023). *Se a cidade fosse nossa: Racismos, falocentrismos e opressões nas cidades*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Paz e Terra.

Cechinel, Michelle Maria Stakonki (2021). *Zongos em itinerância: Migrações ganesas em Criciúma no tempo presente (2014–2021)* (Tese de doutorado), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

Chakrabarty, Dipesh (2020). A pós-colonialidade e o artifício da história. *Práticas da História*, 11, 247–277.

Culpi, Ludmila Andrzejewski (2019). *Estudos migratórios*. Curitiba, Brasil: Editora InterSaberes.

Dornelas, Paula Dias e Ribeiro, Roberta Gabriela Nunes (2018). Mulheres migrantes: invisibilidade, direito à nacionalidade e a interseccionalidade nas políticas públicas. *O Social em Questão*, 13(41), 247-263.

Federici, Silvia (2019). *O ponto zero da revolução: Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo, Brasil: Editora Elefante.

Hall, Stuart (2023). *Da diáspora: Identidades e mediações*. Belo Horizonte, Brasil: Editora UFMG.

Koselleck, Reinhart (2014). *Estratos do tempo: Estudos sobre história*. Rio de Janeiro, Brasil: Contraponto/PUC.

Kern, Leslie (2021). *Cidade feminista: A luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens*. Rio de Janeiro, Brasil: Oficina Raquel.

Lander, Edgardo (2018). Notas sobre a implosão da Venezuela rentista. In Leite, José Correa, Uemura, Janaina e Siqueira, Filomena. (Orgs.). *O eclipse do progressismo: A esquerda latino-americana em debate*. São Paulo, Brasil: Editora Elefante.

Mignolo, Walter (2017). Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 32(94), 1–17.

Mignolo, Walter (2008). Desobediência epistêmica: A opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, 34, 287–324.

Negreiros, Pedro Augusto Mendes de (2022). *O apoio à migração venezuelana como política externa estadunidense (2015–2021)* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.

Oliveira, Eduarda Azevedo de e Souza, Fernando Machado de (2019). Os refugiados e a nova Lei de Migração. *Atuação: Revista Jurídica do Ministério Público Catarinense*, 14(31), 76–96.

Piscitelli, Adriana (2008). Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, 11(2), 263–274.

Preciado, Jaime (2008). América Latina no sistema-mundo: Questionamentos e alianças centro-periferia. *Caderno CRH*, 21(53), 253–268.

Quijano, Aníbal (1992). Colonialidad y modernidad/racionalidad. *Perú Indígena*, 13(29), 11–20.

Ribeiro, Djamila (2023). *Lugar de fala*. São Paulo, Brasil: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra.

Ribeiro, Vicente Neves da (2017). Fundo público, política social e Venezuela Bolivariana. *Em Pauta*, 15(40), 296–312.

Rodrigues, Francilene (2006). Migração transfronteiriça na Venezuela. *Estudos Avançados USP*, 20(57), 197-207.

Rolnik, Suely. (2011). *Cartografia sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS.

Santos, Marcelo (2007). *O poder norte-americano e a América Latina no pós-Guerra Fria*. São Paulo, Brasil: Annablume; Fapesp.

Santos, Marcelo (2006). A supremacia dos EUA no pós-Guerra Fria. *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais*, 29, 37-66.

Saraiva, Miriam Gomes e Ruiz, José Briceño (2009). Argentina, Brasil e Venezuela: As diferentes percepções sobre a construção do Mercosul. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 52(1), 149–166.

Segato, Rita (2021). *Crítica da colonialidade em oito ensaios: E uma antropologia por demanda*. Rio de Janeiro, Brasil: Editora Bazar do Tempo.

Zizek, Slavoj (2023). *Uma esquerda que ousa dizer seu nome: 34 intervenções inoportunas*. Petrópolis, Brasil: Vozes.

LISTA DAS ENTREVISTAS CITADAS

Sara. *Entrevista concedida a Carolina do Amarante*. Florianópolis, 08 de setembro de 2023. Entrevista.

Sara. *Entrevista concedida a Carolina do Amarante*. Florianópolis, 12 de setembro de 2024. Entrevista.